

"*Mandioca dos índios*": narrativas e memórias das relações inauguradas entre humanos e plantas na fronteira Oiapoque (Amapá – Brasil)

Claudiane de Menezes Ramos

Universidade Federal do Amapá
Oiapoque - Amapá - Brasil
claudiane@unifap.br

Ramiro Esdras Carneiro Batista

Universidade Federal do Amapá
Oiapoque - Amapá - Brasil
ramiro.esdras.carneiro@gmail.com

Azarias Ioió Iaparra

Universidade Federal do Amapá
Oiapoque - Amapá - Brasil
iaparrazararias@gmail.com

Resumo: A história ambiental da Amazônia é caracterizada como um centro de domesticação independente de plantas, dentre elas, a mandioca dos índios (*Manihot esculenta* Crantz). Por meio da produção de conhecimento etnográfico, combinado à pesquisa bibliográfica referente ao tema, discute-se, no presente artigo, o processo de domesticação do gênero *Manihot* a partir das narrativas de diferentes povos originários do atual ente federado do Amapá/Brasil, histórica fronteira do setentrão amazônico que separa o Brasil do território ultramarino francês. O diálogo com os saberes e narrativas originários pode nos levar a percepção da insuficiência do arcabouço conceitual proposto na domesticidade, para aprofundamento no tema da apropriação de plantas para benefício humano. As narrativas alcançadas no texto demonstram um nível de complexidade e cadeia de inter-relações que não é óbvia para o fazer científico ocidental, demonstrando que o cultivo e o desenvolvimento de diferentes variedades de plantas, dentre os povos indígenas, demandam outros aportes conceituais ainda não contemplados na domesticidade.

Palavras-chave: *Manihot esculenta*. Domesticação de plantas. Amazônia amapaense.

Introdução

A temática da domesticação de plantas na Amazônia vem suscitando interessantes debates interdisciplinares, que propõem romper com a visão historicamente constituída de uma floresta prístina, supostamente intocada. Estudos vinculados à arqueologia, a ecologia e a história ambiental vêm sublinhando o papel dos

povos indígenas e das populações tradicionais na formação dos biomas amazônicos, todavia, ainda com um toque de reducionismo, à medida que não estabelecem um diálogo estreito com os diferentes modos de explicar a produção da agrobiodiversidade por aqueles povos que efetivamente a protagonizaram.

A forma como os referenciais cosmológicos de diferentes povos da Amazônia oriental apresenta a conformação das paisagens e nichos ambientais, onde vivem e se movimentam por séculos, tem relacionado seu bem viver e segurança alimentar com o sucesso das alianças estabelecidas com seus seres não humanos, aí inclusos as plantas e os animais. Nesse sentido, o que o fazer científico ocidental nomina como um processo de domesticação de outros seres que favoreçam a existência humana, pressupõe uma diversidade de inter-relações que parece melhor definida pela premissa da familiarização – ou familiaridade com as plantas – conforme sugerimos adiante, a partir dos discursos e saberes etnicamente diferenciados propostos pelos Aruaque da região do Baixo rio Oiapoque-Amapá/AP.

No caso em tela, tratamos com a “domesticação” de uma importante planta pertence à família *Euphorbiaceae* que conhecemos no Brasil como mandioca, vegetal cujas características morfológicas principais são a de serem plantas superiores com sementes, flores e frutos. O gênero *Manihot* a qual pertence a planta também é conhecida como mandioca dos índios (*Manihot esculenta* Crantz), possuindo na atualidade pelo menos 97 espécies conhecidas, distribuídas por todos os estados do Brasil (JABOT, 2020). Trata-se, portanto, de uma planta que garante a soberania e a segurança alimentar de milhares de pessoas, povos e comunidades de diferentes origens. É fato que a principal espécie produzida em escala global é exatamente a produzida pela seleção e domesticação dos agroecologistas indígenas.

Nesse sentido, o artigo pretende fazer dialogar dados e discussões propostas na tese de doutorado da primeira autora, com as narrativas e memórias propostas nos trabalhos acadêmicos de seus coautores, que versam sobre o processo de domesticação/familiarização da *Manihot esculenta* entre o povo *Palikur Arukwayene*, indígenas do tronco aruaque atualmente territorializados na Terra Indígena Uaçá, município de Oiapoque/AP (BATISTA, 2020). A intenção é correlacionar as narrativas sobre a gênese e desenvolvimento das culturas indígenas a partir de seu relacionamento com as plantas que originaram a mandioca domesticada, demonstrando como a paisagem e a história ambiental da região é marcada pela antropogenia originária, o que também deve nos levar a discussão sobre as percepções indígenas do processo de ocupação do

território, em atenção a relação entre seus entes humanos e não humanos, que colaboraram e ainda colaboram para a manutenção da vida na Amazônia amapaense.

Como veremos, a relação entre humanos, plantas e animais denotadas nas narrativas *Palikur* e *Wajãpi* colocam em cheque o próprio conceito ocidentalizante de domesticação de seres não humanos (LABONTE *et al*, 2021), o que pode ser contraposto com a noção originária de aliança e familiarização das plantas (FAUSTO & NEVES, 2018), em atenção à forma como os povos e as pessoas indígenas da região do Baixo rio Oiapoque descrevem o processo de incorporação da mandioca ao seu modo de vida, ao acionarem sua própria memória de longa duração.

As narrativas e memórias em questão versam sobre um remoto processo de ocupação humana na região da atual fronteira Oiapoque, ou do Baixo rio Oiapoque. Por meio da documentação, transcrição e análise das memórias indígenas em sua relação com o estado da arte sobre a “domesticação” de plantas na região amazônica, também pode-se estabelecer alguma reflexão sobre a formação das áreas de abundância restrita nos territórios guianenses, em diálogo com os pressupostos da história ambiental amazônica (FROMENT & GUFFROY, 2003).

Abaixo, a geolocalização do Território Indígena Uaçá, cerceado e interseccionado pela atual fronteira binacional Brasil/França:

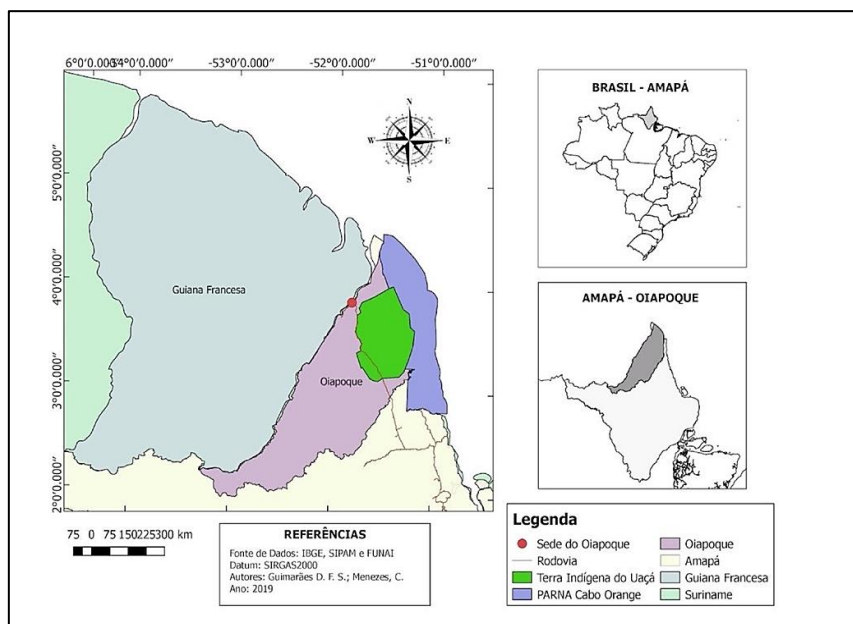


Figura 01 - Localização geográfica da Terra indígena Uaçá

Fonte: Guimarães e Menezes (2019)

***Manihot esculenta* e povos originários na Amazônia amapaense**

A região amazônica é considerada um centro independente de domesticação de plantas no planeta (NEVES & HECKENBERGER, 2019) e também um laboratório para o questionamento de conceitos (CASCON, 2017), dentre os quais o de domesticação. Como apontamos, da ampla variedade de flora apropriada por populações amazônicas, a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) se apresenta como o cultivo alimentício domesticado que alcançou a maior importância no mundo (PEREIRA, 2011), estimando-se sua domesticação entre 5.000 a 7.000 anos A.C., no sudoeste amazônico (OLSEN & SCHAAL, 1999; ALLEM, 2002; PEREIRA, 2011).

O sucesso dessa planta surgida da relação com diferentes culturas amazônicas que contribui para a segurança alimentar em nível global é atribuído a sua elevada diversidade genética. A dinâmica de polinização cruzada permitida pelas variedades de mandioca, permitem um trabalho de seleção contínuo, como demonstram os estudos de variabilidade interna relacionada à própria diversidade étnica dos povos que a cultivam (EMPERAIRE *et al*, 2008). Peroni, Martins e Ando (1999) também admitem que a planta segue sob contínua dinâmica evolutiva em função da seleção realizada pelos seus agricultores, uma vez que estes induzem a variabilidade genética a partir de métodos transmitidos intergeracionalmente, no interior dos territórios e arranjos sociais em que vivem.

É fato que os povos indígenas realizam uma diversificação ativa e dinâmica da agrobiodiversidade de seus territórios, garantindo a sustentabilidade e a segurança alimentar dentro, e também no entorno de seus territórios tradicionais, visto que o excedente da produção de mandioca colabora para a manutenção da vida entre as populações não indígenas, que se apropriam de produtos e subprodutos da planta por meio de processos regionais de comércio e escambo, a exemplo do praticado em toda a Amazônia oriental guianense, até o presente momento.

Na(s) Amazônia(s), é sabido que a maioria das variedades de mandioca cultivadas é brava (CLEMENT *et al*, 2010), possivelmente pela sua capacidade de resistência às pragas. Seu principal espaço de cultivo é a roça ou roçado, onde são cultivadas as espécies anuais, normalmente por dois ciclos, dependendo da qualidade do solo, após o qual é observado um tempo de descanso para a recuperação da fertilidade e eliminação das plantas invasoras (NODA & NODA, 2003, p.56).

Em praticamente toda a região amazônica que abrange diversos países da América a mandioca é frequente em roças de agricultura tradicional por apresentar bom desenvolvimento em solos pobres, boa resistência a pragas e doenças e adaptação em diferentes regiões edafoclimáticas (TOMICH *et al*, 2008). Sobre a tradição de relacionamento com a planta que abrange grande profundidade no tempo e no espaço, cumpre dizer que para os povos indígenas a roça é mais que uma atividade econômica, expressando uma maneira de viver, um modo de fazer, de ser (ALMEIDA, 2008) e se movimentar no território a partir de dinâmicas, calendários e conhecimentos próprios. Em suma, o roçado indígena não pode ser resumido apenas à expressão de um repertório de diversidade biológica e produção de alimentos (PERONI, 2002).

No caso da região do Baixo rio Oiapoque, a exemplo dos gigantes açaizais que povoam as margens dos tributários da baía do Oiapoque, a variedade e variabilidade dos mandiocais, suas capoeiras e roças novas convivem com as reservas de território que são destinados as plantas-mães, as mandiocas bravas da montanha que constituem, para além de uma reserva biodiversa, um registro etnobotânico da ocupação destes povos que são, por atavismo histórico e ecológico, produtores e produzidos pela planta, por isso mesmo cognominados aruaques, assim registrados na literatura colonial como os comedores de farinha.

O contexto interétnico e multicultural da região do Baixo rio Oiapoque, em especial o território *Uaçauára* (T.I. Uaçá), guarda uma similitude comum aos seus povos, qual seja, a segurança e a soberania alimentar que é assegurada por agroecossistemas amplamente baseados no cultivo de diferentes variedades da *Manihot esculenta* Crantz, como veremos, ao consultar a memória *palikur*.

As narrativas *Palikur* e *Wajãpi*: uso e dispersão da mandioca de veado

Tim Ingold (2015) entende que ao classificar os seres vivos a moda da taxonomia ocidental nos empalhamos, fossilizamos, isto é, desconsideramos suas respectivas histórias de vida, agências e interações com as diferentes espécies. Nesse sentido é preciso estar atento as diferentes malhas classificatórias propostas pelo/no pensamento indígena, sob pena de infantilizarmos as percepções e os conhecimentos forjados ao longo de milênios pela ciência do concreto dos povos originários.

É sabido que da perspectiva indígena os nomes dos seres vivos não são substantivos, mas verbos, que demonstram seu movimento no mundo e as linhas que

atravessam outras linhas. Esta percepção nos permite uma aproximação com as diferentes versões, narradas por diferentes pessoas indígenas, sobre a história da incorporação da mandioca na cultura alimentar de seus respectivos povos. Ocorre que entre os três povos que atualmente dividem a ocupação da Terra Indígena Uaçá, existe o conhecimento compartilhado de que a mandioca descende de uma única planta matriz, que por sua vez teria dado origem às variedades atualmente cultivadas nas roças.

Esta planta é designada como *mama maiõk* (mãe das mandiocas) a partir da língua afro-indígena *Kheuól*, falada principalmente pelos povos *Karipuna* e *Galibi-Marworno*, no interior da TI *Uaçá*. Outras designações como “mandioca selvagem”, “mandioca de veado”, “mandioca da montanha” e “avô do *kaneg*” (IAPARRA, 2018), também são usadas no contexto multilíngue dos *uaçauára*,¹ em que além do *Kheuól*, também se fala as línguas *parikwaki* e o português, dependendo da comunidade/aldeia abordada.

Pelo que testemunhamos em campo, as diferentes designações fazem referência sempre à mesma planta matriz, que designamos provisoriamente e para fins didáticos, como a mandioca selvagem da montanha. Os recorrentes relatos sobre essa planta-mãe que habita a montanha são declinados por diferentes entrevistados, com diferentes níveis de prestígio interno, que também nos fazem refletir sobre a adequação ou não do termo “domesticação de plantas”, quando levamos em conta a percepção indígena sobre a antropização do território, bem como o uso de seus recursos em benefício dos humanos.

Dentre as narrativas colhidas de diferentes pessoas *uaçauára* sobre a origem da mandioca, tomaremos a análise a do povo aruaque *Palikur Arukwayene* coletada pelos coautores, em contraponto a outra do povo tupi *Wajãpi*, apresentada no trabalho de Joana Cabral de Oliveira (2016). É importante referir que ambos os povos encontram-se em contextos geográficos opostos no estado do Amapá e pertencem a distintas origens e troncos linguísticos, no entanto, dentre as narrativas observam-se similitudes e aspectos comuns, quando o tema é origem da mandioca.

De acordo com a narrativa *Palikur Arukwayene*, em *inetit minikwak* (no tempo antigo), em determinados períodos do ano os povos do *Uaçá* experimentavam problemas com sua segurança alimentar, pois a caça e o peixe ficavam escassos e não havia roça para remediar a fome até o próximo verão (IAPARRÁ, 2018). A narrativa segue denotando que em um momento atemporal um índio se transformou em veado, portanto em caça, a fim de alimentar os seus irmãos que passavam fome. Aquele primeiro índio, transmutado

¹ Palavra de origem *nheengatu*, amplamente utilizada no território *Uaçá* até a atualidade que significa “os daqui do *Uaçá*”, as pessoas nascidas e pertencentes ao lugar.

em alimento também trouxe consigo as primeiras manivas² que os *Palikur Arukwayene* chamam de *Yit Gahat* (mandioca de veado).

Conforme constatamos em trabalho de campo, a matriz da *Yit Gahat* até o presente é encontrada nas montanhas da TI *Uaçá*, se reproduzindo sobre solos rochosos e sem a interferência humana, a exemplo da amostra que encontramos na montanha *Hox ble*, abaixo:



Figura 02 - Mandioca selvagem da montanha (mama maiõk). TI Uaçá, Oiapoque – AP, 2022
Fonte: Foto tirada pelos autores durante trabalho de campo (2022)

Seguindo com a narrativa *Palikur*, note-se que além das primeiras matrizes da planta, o veado também trouxe ao seu povo a sabedoria de como cultivar as manivas e processar a mandioca para transformá-la em alimentos, como beijus e farinha, conforme transcreve Azarias Iaparrá (2018):

O meu avô me contou a história do veado, que o veado era ser humano, ainda não era animal. O veado tinha um compadre, e um dia ele foi visitá-lo, mas o compadre tinha ido para o mato com sua esposa buscar alimentos, como frutas, mas não é qualquer árvore que dá fruta boa para comer. Esses alimentos eram para sustentar a família e deixou apenas uma filha sozinha na casa. Quando o veado chegou à casa do compadre e encontrou apenas uma menina, ele disse: bom dia, ela respondeu bom dia ... o veado perguntou para onde o pai dela tinha ido e ela respondeu que ele tinha ido pegar frutas para eles comerem e ele sabe escolher as frutas que são boas para comer. Então o veado deixou um recado com a menina: quando o seu pai chegar diz para ele fazer uma roça aqui perto da casa de vocês, esperar secar e após isso, queimar, quando terminar de

² Maniva é a parte do caule cultivada para fazer a propagação vegetativa da planta, também chamada de rama.

queimar, ele vai me esperar, que vou trazer outros alimentos para plantar e ajudar vocês não comer só essas frutas das árvores. Quando o pai chegou, a menina passou o recado que o veado deixou, e o pai atendeu ao pedido do veado e fez uma roça e ficou esperando o veado voltar. O veado voltou novamente e agora encontrou o compadre e disse, bom dia senhor, e ele respondeu, bom dia ... o veado perguntou se ele tinha recebido o recado que deixou com sua filha e o mesmo disse que sim e que já tinha terminado de fazer a roça. Então, o veado disse: eu vim trazer para ti uma maniva (estava bem enrolada na folha de uma árvore) você corta essa maniva bem curta e planta na sua roça, cuida até crescer e quando ficar madura será a comida de toda sua família, isso vai ajudar muito vocês, além de ficar bem perto da sua casa. O veado ainda disse que a época de derrubada da roça é no mês de agosto, que é a subida dos camaleões e a época de plantio é no mês de dezembro, no verão. Para plantar a maniva, primeiro tem que cortar um pau para fazer a cova, em seguida joga a maniva e a terra em cima. Após o crescimento e frutificação, você colhe a fruta³ para preparar a farinha. O veado ainda o ensinou a fazer o ralo de barro, para ralar a mandioca, que tem que queimar e ficar bem duro. O compadre entendeu bem e fez o ralador para preparar o beiju e a farinha. Chegou o dia que o veado disse para o seu compadre que ia embora e voltaria dentro de três meses novamente, e que seria última vez que viria e eles não teriam mais o apoio dele, e que agora eles tinham os alimentos com facilidade e poder de dividir as manivas com outras famílias e assim o fez, quando a maniva ficou madura começou a dividir com outras pessoas. O meu avô me contou que o senhor que levou essa maniva fez um tipo de madeira feita de barro para ralar a mandioca e que depois ele pediu para passar esse conhecimento para todos da família. (...) Nossos avós sabiam que o veado plantava essa mandioca, e que o veado se transformou em animal pra que todos gostassem de comer carne. Até hoje, nós *Palikur Arukwayene* sempre caçamos e matamos o veado, que se chama *iyt* em *parikwaki*, para se alimentar, pegar o osso para fazer remédio, ponta de flecha, colares e alguns criam veado na aldeia (UWETMIN, 2018, [s.p.]).

A narrativa *Palikur Arukwayene* recolhida junto ao sábio *Uwetmin* (Manoel Antônio do Santos) sobre a origem do *kaneg* (mandioca), parece dialogar com o perspectivismo ameríndio (CASTRO, 2002), demonstrando que os conceitos de natureza e cultura são posicionados diferentemente do pensamento ocidental, visto que, da perspectiva *Palikur*, não parece haver uma divisão rígida entre natureza e cultura.

A narrativa demonstra ainda que a partir do ponto de vista dos *Palikur Arukwayene*, o pano de fundo entre os homens e os animais é uma humanidade comum, sendo que as distinções percebidas se dão pela morfologia dos corpos, logo, apesar do veado ter o seu corpo transformado, ele não perdeu sua humanidade nem tampouco seu senso de responsabilidade para com os parentes, provendo, inclusive o compartilhamento dos conhecimentos dos não humanos sobre o cultivo e familiarização dos produtos da mandioca.

É interessante constatar que um povo “aparentado”, porque originário, mas de origem diferente dos *Palikur Arukwayene*, os *Tupi Wajãpi* da região do Amapari, que

³ Aqui se refere á raiz tuberosa da mandioca. Geralmente, os *Palikur Arukwayene* também chamam as sementes de frutas.

atualmente habitam a região centro sul do estado do Amapá, também reconhecem a *so'õ mani'y* (maniva de veado), narrando similarmente que, antigamente os veados eram humanos e plantavam mandioca e mamão, dentre outras espécies, conforme o relato apresentado no trabalho de Cabral de Oliveira (2016, p. 121):

Maniva de veado, antigamente veado plantava. Antigamente *Wajãpi* perguntou à ele: 'O que é isso aí?'. 'Não! Essa é minha maniva, minha maniva', disse o veado. *Wajãpi* respondeu: 'Para mim, a minha maniva é de outro jeito!'. 'Talvez depois, eu vá roubar um pouco da sua maniva', disse o veado. 'Não!', disse *Wajãpi*, 'não está certo! Não está certo... Em outro lugar você tem a sua mandioca!'. 'Ããã...', disse o veado, 'a minha maniva não presta, eu não gosto muito... Ããã... a sua maniva eu gosto muito!'. Por isso, hoje a maniva de veado cresce na roça, é como maniva, mas a raiz é de outro jeito, não é como a raiz de maniva *wajãpi*. [...] Por isso se diz mandioca de veado. Mamão também tem. Mamão... mamão de veado! Tem pela floresta... Veado planta! [...] Antigamente, quando ele era como nós, ele plantava. Depois, *janejarã* o tornou um não-sabedor, ele não sabe mais plantar!

Para além dos aspectos cosmológicos e mnemônicos que circulam entre povos de diferentes territórios e origens, demonstrando-se como a existência de “povos isolados” na Amazônia nada mais são que uma invenção da antropologia ocidental, as narrativas acima mencionadas – dos *Palikur Arukwayene* e dos *Wajãpi*, respectivamente – também nos levam a inferir que a circulação de aspectos simbólicos em universos linguísticos e cosmológicos distintos, denotam um passado de trocas e interações entre os povos, o que incluía as tecnologias bélicas e alimentares, aí inclusa a preciosa tecnologia do cultivo adequado da roça de mandioca.

É sabido que a história da Amazônia está diretamente relacionada à apreensão e desenvolvimento de plantas selvagens que se deixam aparentar/familiarizar na particularidade dos fazeres indígenas. Para entender as narrativas sobre este processo de desenvolvimento dos agroecossistemas, em sua profundidade socioespacial, a simples domesticação não parece deter um arcabouço conceitual suficiente, já que as narrativas indígenas denunciam que os humanos não são os únicos responsáveis pelo cultivo e a diversificação das roças.

A versão indígena da história ambiental amazônica demonstra a existência de uma complexa rede de inter-relações entre o que o vocabulário ocidental chamaria de homem-natureza, na produção da sustentabilidade e segurança alimentar para diferentes populações, aí inclusas as não humanas. O que, no caso em tela, inclui os conhecimentos do ente reconhecido com a morfologia do veado, propondo enfim, que humanos e não humanos operam com formas distintas na produção da agrobiodiversidade.

No caso dos povos indígenas do *Uaçá*, para além das inter-relações visíveis entre humanos/animais/plantas/constelações, contata-se também as relações entre os seres desprovidos de corpo físico, os invisíveis *karuanas*⁴, que por sua vez auxiliam nos cuidados, produtividade e manutenção de roças saudáveis (ANDRADE, 2009).

Considerações finais: algumas palavras sobre a díade domesticação/familiarização de plantas na Amazônia oriental

O estado de arte da história ambiental na Amazônia que admite o processo de domesticação da mandioca selvagem sendo realizada na região, em um tempo remoto, é útil para discutir a apropriação e cultivo da planta pelas populações humanas, no passado e no presente. No entanto, as narrativas alcançadas no texto demonstram um nível de complexidade nesta cadeia de inter-relações que não é óbvia para o fazer científico ocidental, demonstrando que o cultivo e o desenvolvimento de variedades da *Manihot esculenta* Crantz dentre povos indígenas, parecem demandar outros aportes conceituais ainda não contemplados na domesticidade.

Como apontamos anteriormente, a domesticação de plantas na região amazônica vem suscitando interessantes debates interdisciplinares, na busca de um melhor entendimento sobre os povos que experimentam da díade histórica, de serem a um só tempo, produtos e também produtores agroflorestais.

Os estudos vinculados à ecologia e a história ambiental vêm sublinhando o papel dos povos indígenas e populações tradicionais na formação dos biomas da Amazônia, todavia, necessitando de melhor diálogo com os respectivos etnosaberes, a fim de que formas outras de explicitação e produção da agrobiodiversidade possam ultrapassar barreiras linguísticas e culturais, superando assim os ocidentalismos.

A necessidade dessa mudança e/ou diálogo conceitual acerca da domesticação na Amazônia vem sendo defendida por outros pesquisadores, a exemplo de Manuela Carneiro da Cunha (2019), que critica a descrição de domesticação de Clement (1999), quando o autor propõe que os povos ameríndios domesticaram a paisagem de forma a deixarem-na mais produtiva e adequada para os humanos. Em contraponto, Carneiro da Cunha entende que não se pode atribuir uma postura colonizadora aos agricultores ameríndios sobre o patrimônio da floresta, a ponto de torná-la dependente do ser

⁴ Tratam-se de “pessoas” que vivem em outro mundo, onde são gente como nós, seres que apenas os pajés conseguem enxergar e se comunicar.

humano, visto que isto seria uma sobreposição do pensar e do fazer ecológico ocidental aos fazeres ameríndios.

A produção de paisagem e a familiarização de plantas na Amazônia realizada por seus povos tradicionais necessita ser interpretada em seus próprios termos, uma vez que, contrárias à dominação e à monocultura, as cosmologias indígenas demonstram apreço pela política de alianças com os não humanos, bem como o cultivo à diversidade agroflorestal em todos os seus níveis de produção e coleta (CUNHA, 2019).

Uma leitura apressada das narrativas indígenas pode nos levar a rápida caracterização da relação mandioca/indígenas como um trabalho de domesticação, em conformidade com Prado e Murrieta (2015), que propõem esse trabalho como um “processo histórico/evolutivo pelo qual organismos são alterados em nível genético por meio de manipulação humana, tornando-se dependentes da mesma ação antrópica para sua posterior sobrevivência e reprodução” (p.20). Conceituação esta que não se coaduna com a relação que os indígenas do *Uaçá*, por exemplo, admitem ter estabelecido como a planta mãe das mandiocas (*mamã-maiok*). Daí a percepção de que estamos imersos em uma relação plantas-humanos, que ultrapassa o mero utilitarismo da domesticação.

As narrativas *uaçauára*, conforme apresentadas, parecem demonstrar que em nenhum momento seus pajés tiveram a intenção ou desejo de ter o domínio sobre o processo de produção dos frutos, dito de outra forma, de dominar e/ou “domesticar” a planta matriz, tornando-a dependente de seu manejo. Ao contrário, na montanha a planta matriz é soberana, tem vida e agência própria e somente pode ser emprestada pela mediação dos pajés, que tem licença para transferir partes de sua genética para o enriquecimento das roças nas terras baixas (RAMOS *et al*, 2022). Neste sentido, pode-se considerar que a mandioca da montanha na TI *Uaçá* não foi domesticada e sim familiarizada, visto que entrou para o mundo *uaçauára* mediante um processo de negociação entre distintos entes, permitindo assim o surgimento constante de novas variedades, mediante cruzamento ininterrupto.

"CASSAVA OF THE INDIANS": NARRATIVES AND MEMORIES OF THE RELATIONSHIPS BETWEEN HUMANS AND PLANTS ON THE OIAPOQUE BORDER (AMAPÁ – BRAZIL)

Abstract: The natural history of the Amazon is characterized as a center of independent domestication of plants, among them the cassava of the Indians (*Manihot esculenta* Crantz). Through the production of the ethnographic knowledge, combined to the bibliographical research on the subject, this article aims to discuss the process of domestication of the genus *Manihot* based on the narratives of different peoples originating from the current federative entity of Amapá/Brazil, the northern historical border that separates Brazil from the French overseas territory. The symmetrical dialogue with the original knowledge and narratives leads us to perceive the insufficiency of the conceptual framework proposed in domestication, which is not enough to delve into the issue of the appropriation of plants for human benefit. The oral narratives cited on in this article demonstrate a high level of complexity and chains of interrelationships that are not obvious to the Western scientific work, making it clear that the cultivation and development of different varieties of plants among indigenous peoples require other conceptual contributions not yet contemplated.

Keywords: *Manihot esculenta*. Domestication of plants. Amazon amapaense.

"LA YUCA DE LOS INDIOS": NARRATIVAS Y MEMORIAS DE LAS RELACIONES ENTRE HUMANOS Y PLANTAS EN LA FRONTERA DE OIAPOQUE (AMAPÁ – BRASIL)

Resumen: La historia ambiental de la amazonia está caracterizada como un centro de domesticación independiente de plantas, entre ellas la mandioca de los indios (*Manihot esculenta* Crantz). Por medio del método etnográfico combinado con consulta bibliográfica referente al tema, se discute en el presente artículo, el proceso de domesticación del género *Manihot* a partir de las narrativas de diferentes pueblos originarios de la entidad federal de Amapá en Brasil, frontera histórica septentrional de la amazonia que separa a Brasil del territorio ultramarino francés. El diálogo con los saberes y narrativas originarias nos conduce a percibir la insuficiencia del marco conceptual propuesto en la domesticación, que no alcanza para profundizar en el tema de la apropiación de las plantas para beneficio humano. Las narrativas incluidas en este texto demuestran alto nivel de complejidad y cadenas de interrelaciones que no son obvios para el quehacer científico occidental, dejando en evidencia que el cultivo y el desarrollo de diferentes variedades de plantas entre los pueblos indígenas exigen otros aportes conceptuales aún no contemplados.

Palabras clave: *Manihot esculenta*. Domesticación de plantas. Amazonia amapaense.

Referências

ALLEM, A. C. The origins and taxonomy of cassava. In Hillocks, R.J.; Thresh, J.M.; Bellotti, A.C. **Cassava: biology, production and utilization**. CAB International, p. 1-16, 2002. Disponível em: http://ciat-library.ciat.cgiar.org/Articulos_CIAT/cabi_04ch1.pdf Acesso em: 18 ago. 2021.

ALMEIDA, A.W.B. **Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas**. Manaus: Programa de Pós-Graduação da Universidade do Amazonas – UEA/Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia/Fundação Ford/Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

ANDRADE, U. M. **Turé dos povos indígenas do Oiapoque**. Rio de Janeiro: Museu do Índio - Iepé, 2009.

BATISTA, R. E. C. **Keka-Imawri**: narrativas e códigos da Guerra do fim do mundo. 1ª ed. Belo Horizonte: CMFL, 2020.

BRASIL – Distrito Sanitário Especial Indígena do Amapá e Norte do Pará. **População DSEI Amapá e norte do Pará**. [arquivo institucional]. Oiapoque, 2019.

CASCON, L. M. **Indo à raiz da questão**: repensando o papel de plantas cultivadas no passado Amazônico através da Etnoarqueologia entre os Assurini do Rio Xingu. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://10.11606/T.71.2017.tde-29082017-143606>. Acesso em: 07 jun. 2021.

CASTRO, E. V. Imagens da natureza e da cultura. In **A Inconstância da Alma Selvagem**. São Paulo: Cosac & Naify, p. 317-344, 2002.

CLEMENT, C. R. 1492 and the loss of Amazonian crop genetic resources - the relation between domestication and human population decline. In **Economic Botany**, v. 53, n. 2, p. 188-202, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF02866498> Acesso em: 07 jan. 2020.

CLEMENT, C. R., CRISTO-ARAÚJO, M., D'ECKENBRUGGE, G. C., PEREIRA, A. A., & PICANÇO-RODRIGUES, D. Origin and domestication of native Amazonian crops. In **Diversity**, v. 2, n. 1, p. 72-106, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3390/d2010072> Acesso em: 03 jun. 2021.

CUNHA, M. C. Antidomestication in the Amazon: swidden and its foes. In **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 9, n. 1, p. 126-136, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/703870> Acesso em: 02 mar. 2020.

EMPERAIRE, L., VAN VELTHEM, L. V. & OLIVEIRA, A. G. de. Patrimônio Imaterial e Sistema Agrícola: o manejo da diversidade agrícola no médio Rio Negro, Amazonas. In **Anais do 26ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/1377/1/Patrim%C3%ADnio%20cultural%20imaterial%20e%20sistemas%20agr%C3%ADcola%20o%20manejo%20da%20diversidade%20agr%C3%ADcola%20no%20m%C3%A9dio%20rio%20negro%20amazonas%20-%20VAN%20VELTHEM.pdf> Acesso em: 30 ago. 2021

FAUSTO, C., & NEVES, E. G. Was there ever a Neolithic in the Tropics? Plant familiarisation and biodiversity in the Amazon. In **Antiquity**, v. 92, n. 366, p. 1604-1618, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15184/aqy.2018.157> Acesso em: 20 mai. 2021

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations, Roma. **Global information and early warning system (GIEWS)**, 2012. Disponível em: <https://www.fao.org/3/y5609e/y5609e01.htm#bm1> Acesso em 28, Jan. 2022.

FROMENT, A. & GUFFROY, J. **Peuplements anciens et actuels des forêts tropicales**. Paris: IRD Éditions, 2003.

IAPARRÁ, A. I. **Representação zoológica nas narrativas Palikur-Arukwayene, Terra Indígena Uaçá – Oiapoque**, 15 p. (Monografia). Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá, Campus Oiapoque, AP, Brasil, 2018.

IAPARRA, V. I. **Narrativa de Surgimento e Domesticação do Kaneg (Manihot esculenta) entre o Povo Palikur do Rio Urukawá – Amapá – Brasil**. (Monografia). Licenciatura Intercultural Indígena, Universidade Federal do Amapá, Campus Oiapoque, AP, Brasil, 2018.

INGOLD, T. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JABOT. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <http://jabot.jbrj.gov.br/v2/consulta.php> Acesso em: 28 abr. 2022.

LABONTE, G. S. Et al. Amansar, familiarizar, animalizar: técnicas para hacer perros cazadores en la Amazonía. In **Tabula rasa**, n. 40, p. 25-50, 2021. Disponível em: http://www.scielo.org/co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892021000400025 Acesso em: 19 jan. 2023.

NEVES, E. G., & HECKENBERGER, M. J. The call of the wild: rethinking food production in ancient Amazonia. In **Annual Reviews**, n. 48, p. 371-388, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102218-011057> Acesso em 11 jan. 2023.

NODA, H. & NODA, S. N. Agricultura familiar tradicional e conservação da sócio diversidade amazônica. In **Interações**, Revista de Internacional de Desenvolvimento local, vol. 4, n. 6, p. 55-66, 2003. Disponível em: <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/559> Acesso em: 15 jan. 2020.

OLIVEIRA, J. C. Mundos de roças e florestas. In **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 1, p. 115-131, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981.81222016000100007> Acesso em: 18 fev. 2022

OLSEN, K. M. & SCHAAL, B. A. Evidence on the origin of Cassava: Phylogeography of Manihot esculenta. In **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, p. 5586-5591, 1999. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/pnas/96/10/5586.full.pdf> Acesso em: 18 jan. 2021.

PEREIRA, A. A. **Dinâmica evolutiva de mandioca (Manihot esculenta Crantz) em três tipos de solo manejados por caboclos na Região do Médio rio Madeira, Amazonas**. 89 p. (Dissertação de Mestrado em Genética, Conservação e Biologia Evolutiva). Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia, INPA, Manaus, AM, Brasil, 2011.

PERONI, N., MARTINS, P. S. & ANDO, A. Diversidade inter e intraespecífica e uso de análise multivariada para morfologia da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz): um estudo de caso. In **Scientia Agricola**, v. 56, n. 3, p. 587-595, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-90161999000300011> Acesso em: 16 jan. 2021.

PERONI, N. Manejo Agrícola Itinerante e domesticação de plantas neotropicais: o papel das capoeiras. In Albuquerque, U. P., Alves, A. G. C., Silva, V. A. **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia** - IV Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife (PE): Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE), p. 97-108, 2002.

PRADO, H. M. & MURRIETA, R. S. S. Presentes do Passado: Domesticação de plantas e paisagens culturais na Amazônia pré-histórica. In **Ciência Hoje**, vol. 55, p. 18-23, 2015. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/313251048_Presentes_do_passado_domesticacao_e_paisagens_culturais_na_Amazonia_pre-historica/link/58947025a6fdcc45530ec57e/download Acesso em: 02 jan. 2019.

RAMOS, C. M. **Agrobiodiversidade, segurança e soberania alimentar na Terra Indígena Uaçá, Oiapoque-Amapá**, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14465> Acesso em: 20 jan. 2022.

TOMICCH, R.G.P., SALIS, S. M., FEIDEN, A., CURADO, F. F., SANTOS, G. G. dos & TOMICH, T. R. **Etnovariedades de Mandioca (Manihot esculenta Crantz) cultivadas em Assentamentos Rurais de Corumbá**, MS. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2008.

UWETMIN (Manoel Antônio dos Santos). **Origem do Kaneg**. Narrativa recolhida e traduzida por Azarias Iaparrá no alto Urukauá – Terra Indígena Uaçá, 2018.

SOBRE OS AUTORES

Claudiane de Menezes Ramos é doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); docente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Ramiro Esdras Carneiro Batista é doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA); docente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Azarias Ioio Iaparra é graduado em Licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

Recebido em 04/03/2023

Aceito em 05/07/2023